Os sistemas de reforma social e o Espiritismo

por Paulo Degering Rosa Junior

Há tempos venho realizando abordagens ((Veja os artigos "**Espiritismo e Política**" e "**O silêncio do Movimento Espírita ante os temas sociais**")) a respeito da impossibilidade de se atrelar o Espiritismo a qualquer ideologia política e do quanto essa prática é nociva e danosa ao Movimento Espírita. Quando defendo que o Espiritismo não se deve misturar à política, não quero dizer que ele não possa dar a ela sua contribuição, mas, sim, que ele não deve ser misturado às opiniões e às ideias de sistemas que, de modo avesso à moral espírita, querem mudar a sociedade a golpes de força, por imposição, ao passo que o Espiritismo **demonstra** que a única forma de realizar qualquer mudança na sociedade é auxiliando o indivíduo a abandonar maus hábitos e imperfeições, num gesto **racional**, **consciente** e **autônomo**.

Quem estuda o Espiritismo com alguma dedicação compreende facilmente esse princípio. Contudo, faltava-me encontrar uma verdadeira pérola de Allan Kardec, inserida em meio a um texto que, até hoje, confesso, ainda não havia lido, nem conhecido. A pérola em questão está na publicação "Viagem espírita em 1862", em "Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos Espíritas de Lyon e Bordeaux.", item III:

> *Acabo de dizer que **sem a caridade o homem não constrói senão sobre a areia**. Um exemplo nos fará compreender melhor.*
>
> *Alguns homens bem-intencionados, tocados pelos sofrimentos de uma parte de seus semelhantes, julgaram encontrar o remédio para o mal em certos **sistemas de reforma social**. Com pequenas diferenças, o princípio é mais ou menos o mesmo em todos eles, **seja qual for o nome que se lhes dê**. Vida comunitária por ser a menos onerosa; comunidade de bens, para que todos tenham sua parte; participação de todos para a obra comum; nada de grandes riquezas, mas, também, nada de miséria. **Isto era muito sedutor para quem, nada tendo, já via a bolsa do rico entrar no fundo social**, sem calcular que a totalidade das riquezas, postas em comum, **criaria uma miséria geral, em***

> ***vez de uma miséria parcial****; que a igualdade hoje estabelecida seria rompida amanhã pela mobilidade da população e pela* ***diferença entre as aptidões****; que* ***a igualdade permanente dos bens supõe a igualdade de capacidades e de trabalho****. Mas, não é esta a questão; não entra em minhas cogitações examinar o lado positivo e negativo desses sistemas. Faço abstração das impossibilidades que acabo de citar e me proponho considerá-los de um outro ponto de vista que, parece-me, ainda não preocupou a ninguém e que se relaciona com o nosso assunto.*
>
> *KARDEC, Allan. Viagem Espírita de 1862, Grifos meus.*

Kardec, como sempre muito lúcido em seus apontamentos, inicia apontando os problemas muito claros que tais "sistemas de reforma social" acarretariam à sociedade. Contudo, não se aprofunda sobre isso, para atacar, em seguida, a temática moral, esta sim muito importante, e demonstrando, uma vez mais, que seus interesses, alinhados ao Espiritismo, não consistiam em destruir, mas em construir:

> *Os autores, fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não tiveram em mira senão a organização da vida material de uma maneira proveitosa a todos. O objetivo é louvável, sem dúvida. Resta saber se, nesse edifício, não falta a única base que poderia consolidá-lo, admitindo-se que fosse praticável.*
>
> ***A comunidade é a abnegação mais completa da personalidade****((Um dos princípios do Espiritismo é a relação dos Espíritos para com todos, em contrário do falso princípio da individualidade (N. do E.))). Cada um* ***devendo*** *dar de si pessoalmente, ela requer o mais absoluto devotamento((O Dever moral era algo muito bem definido pelo Espiritualismo Racional, do qual o Espiritismo é o desenvolvimento(N. do E.))). Ora, o móvel da abnegação e do devotamento é a caridade, isto é, o amor ao próximo((Caridade desinteressada (N. do E.))). Mas reconhecemos que o fundamento da caridade é a crença((A caridade, para ser possível, requer consciência, pautada na razão (N. do E.))); que a falta de crença conduz ao materialismo e o materialismo leva ao egoísmo.* ***Um sistema que, por sua natureza e para sua estabilidade, requer virtudes morais no mais supremo grau, deve tomar seu ponto de partida no elemento espiritual****. Pois bem! já que o lado material é o seu objetivo*

exclusivo((Porque são sistemas baseados nas filosofias materialistas, com origem principal em Aristóteles e reproduzida com muita força por Comte (N. do E.))), não só o elemento espiritual ***não é levado em consideração****, como vários sistemas são* ***fundados sobre uma doutrina materialista altamente confessada****((Vejamos: a imperfeição pode se desenvolver por uma completa inabilidade em lidar com as questões da vida, por falta de entendimento da moral (carência de educação). Ao buscar, por exemplo, a felicidade nas coisas e nas situações da vida, o ser passa a atribuir uma importância descabida aos recursos necessários para fazê-lo. Se não os têm, sente-se infeliz (triste), mas, julgando que a ele também cabe a felicidade, pode julgar que, para satisfazer a isso, lhe seja lícito obtê-la daqueles que têm esses recursos em abundância. É a forma materialista de abordar o tema, reproduzida pela quase totalidade desses sistemas (N. do E.))), ou sobre o panteísmo, espécie de materialismo disfarçado, verdadeiro adorno do belo nome de fraternidade.* ***Mas a fraternidade, assim como a caridade, não se impõe nem se decreta; é preciso que esteja no coração e não será um sistema que a fará nascer, se lá ela não estiver; caso contrário o sistema ruirá e dará lugar à anarquia****.*

Ibidem. Idem.

Kardec lançou a semente: as virtudes morais, de onde nasce a fraternidade, não nascem de um sistema. Não podem ser impostas nem decretadas. É preciso nascer do coração.

A experiência aí está para provar que ***não se sufocam*** *nem as ambições, nem a cupidez.* ***Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa****, como se formam obreiros, antes de lhes confiar um trabalho. Antes de construir, é preciso assegurar-se da solidez dos materiais. Aqui os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e de abnegação. O egoísmo, o amor e a fraternidade são, como já dissemos, palavras vãs;* ***como, então, sob o império do egoísmo, fundar um sistema que requeira a abnegação num grau tanto maior quanto tem, por princípio essencial, a solidariedade de todos para com cada um e de cada um para com todos?***

Ibidem. Idem.

Chega a ser incrível não ver, ainda, Kardec ocupar espaço entre os nomes da mais alta filosofia moral. Mas não é só a moral que está esquecida, mas, também, junto a ela, a espiritualidade racional.

Simples e sem adornos linguísticos que só servem para confundir e envaidecer, diz o professor: “Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa”. Sempre, sempre, atacando o cerne da questão, desde seus tempos de juventude, com pouco mais de 20 anos: a educação. Se se deseja mudar a sociedade, é preciso educar desde a infância. Ora, numa sociedade em que não existe educação, mas apenas instrução, que se quer atingir, senão os resultados que somos obrigados a topar, diariamente, mundo afora? Que se pode esperar de indivíduos que são formados, desde os primeiros passos, nas escolas da disputa, da trapaça, da recompensa e do castigo, numa palavra, da heteronomia? Decerto, não serão indivíduos autônomos e fraternos, muito menos caridosos. E, para Kardec,

> ***Sem a caridade, não há instituição humana estável****; e não pode haver caridade nem fraternidade possíveis, na verdadeira acepção da palavra, sem a crença((Novamente, Kardec destaca a importância do conhecimento, que alicerça a razão (N. do E.))).* ***Aplicai-vos, pois a desenvolver esses sentimentos que, engrandecendo-se, destruirão o egoísmo que vos mata. Quando a caridade tiver penetrado as massas, quando se tiver transformado na fé, na religião da maioria, então vossas instituições se tornarão melhores pela força mesma das coisas****; os abusos, oriundos do personalismo, desaparecerão. Ensinai, pois, a caridade e, sobretudo,* ***pregai pelo exemplo****: é a âncora de salvação da sociedade. Só ela pode realizar o reino do bem na Terra, que é o reino de Deus;* ***sem ela, o que quer que façais, só criareis utopias, das quais só vos resultarão decepções****.*
>
> *Ibidem. Idem.*

Não é preciso ir muito mais longe. O pensamento de Kardec é bastante claro e lúcido, e o tomo não como argumento de autoridade , mas porque está de pleno acordo com aquilo que acredito ser a melhor expressão do conhecimento em moral, filosofia e educação, sobretudo no que tange ao progresso sucessivo e autônomo do ser, princípio demonstrado pelo Espiritismo.

Enquanto continuarmos lutando por transformações sociais impostas pela força, e

até mesmo pela violência, criaremos apenas utopias e decepções. Vejamos que os exemplos disso, após Kardec, já são vários, e pululam à nossa volta. De certa forma, ele praticamente fez uma previsão daquilo que boa parte do mundo viria enfrentar, no século seguinte, por força dos sistemas e ideologias materialistas que vingam ainda hoje e que, paradoxalmente, são defendidos por expressiva parte do Movimento Espírita, que, em verdade, ainda não entendeu a verdadeira moral do Espiritismo e quer forçar os outros a se modificarem conforme o que agentes externos definem como ideal, e não pela própria consciência, num movimento autônomo e consciente.

Quando se trata de Movimento Espírita, é um disparate ver ideias materialistas defendidas dentro desse meio. Suponhamos, de forma bastante ingênua, que se crie uma lei que obrigue o rico a partilhar das suas riquezas: isso apenas gerará revolta nos Espíritos que tenham a imperfeição da avareza e, na primeira oportunidade, nesta ou em outras vidas, lutarão para restabelecer o poder antes possuído. Isso para não falar nos indivíduos que, acostumados aos vícios diversos, apenas utilizarão dos recursos partilhados para se refestelarem um tanto mais. Não é assim que se modifica uma sociedade.

Sem a caridade, que nasce da compreensão da moral da lei divina e do movimento autônomo em direção ao bem, o homem não constrói senão sobre a areia.